

*De tudo ficou um pouco.
Do meu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
ficou um pouco.*

*Pois de tudo fica um pouco
Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha ...*

*Ficou um pouco de tudo ...
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato.*

Carlos Drumond de Andrade,
Antologia Poética.

Parece-nos familiar a idéia de que ao homem sempre foi difícil viver só. Ao longo do tempo, várias formas de agrupamento humano acabaram por determinar princípios de estratificação social, organização política, controle social, organização social, rituais, bem como costumes pertinentes ao ciclo da vida individual.

Compreender os meandros destas composições, bem como situar neste contexto o surgimento de tal ou qual forma de indivíduo, é mais uma preocupação da Antropologia. Não obstante, entender a trama inconsciente dos sentimentos, atitudes, crenças, anseios, medos e expectativas que unem os membros de uma família entre si e aos seus passados individuais e familiares,

Resíduos...

Resenha de Alberto Eiguer:
***O Parentesco Fantasmático -
Transferência e Contratransferência em
Terapia Familiar e Psicanalítica,***
São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995, 249 p.

entender a intensa complexidade que envolve o relacionamento familiar, pode ser de interesse para o psicanalista.

Porém, qual a nossa forma de transitar por estes recantos? Não podemos usar a natureza contextual de uma linhagem, dos reconhecimentos e identificações representados pelos símbolos heráldicos. Falamos de outro tipo de filiação, de outros símbolos-representantes, de outras marcas, de outra herança, não-derivada da hereditariedade biológica, de uma determinação que chega a confundir o indivíduo com o grupal.

Deixemos então Alberto Eiguer, autor desta inusitada obra - *O Parentesco Fantasmático - Transferência e contra-transferência em terapia familiar psicanalítica* - vir em nosso auxílio. Ele nos oferece uma interessante e profunda síntese do trabalho dos analistas sobre a estrutura do grupo familiar como determinante do sujeito psíquico, com a originalidade de fundamentar suas afirmações numa coloração analítica, mostrando já em Freud o início do interesse pelo familiar.

Esta forma original de trabalhar analiticamente com o grupo familiar foi possível em função do recente movimento de analistas franceses, a partir dos trabalhos de André Ruffiot, de estudar o familiar. O autor define precisamente este tipo de trabalho como "uma terapia, pela linguagem; do grupo familiar como um todo, visando a autonomização dos psiquismos individuais de cada um dos membros da família, através da reatualização - graças à transferência - do modo mais primitivo da psique e da circulação fantasmática no aparelho psíquico grupal familiar." (p. 18)

Alberto Eiguer consegue demonstrar, com um texto agradável e singular, a importância do familiar fantasmático na gênese do ser psíquico. Este ser é, num primeiro momento, "estranho"; a família se interessa em logo buscar semelhanças entre ele e os seus outros membros, para que de estranho possa passar a fami-

liar, e ser então reconhecido como descendente biológico e narcísico da linhagem. Assim constituído, o vínculo familiar torna-se fundamentalmente psíquico.

Fica então o convite para acompanhar o percurso proposto por Eiguer sobre a origem da família e sobre as vicissitudes da técnica da escuta familiar. O livro focaliza sucessivamente a trajetória histórica da terapia familiar e sua pertinência ao cenário psicanalítico; como se trabalham os conceitos de transferência e contratransferência dentro desta abordagem; o lugar do analista; os vínculos intrafamiliares como respostas às transferências e contratransferências. Na questão da intersubjetividade, o autor valoriza a noção de pulsão, para insistir na necessidade de uma metapsicologia dos vínculos a partir das pulsões parciais perversas: "a parcela de dominação em toda a atividade pulsional permite considerarmos suas relações com o sadismo e com o narcisismo na grupalidade." (p. XX)

Encontramos também a "interfantasmática", trabalhada a partir dos conceitos de *organizador psíquico* em Claude Lévi-Strauss e de *fantasia originária* em Freud; a teoria dos vínculos intrafamiliares, analisando a intersubjetividade em Freud, Bion, Meltzer, Winnicott e Bleger; e, finalmente a conceituação da importância das representações de *objeto transgeracional* e de *mito familiar*.

Há a preocupação de separar a história da terapia familiar da história da escola analítica grupalista, e principalmente da escola sistêmica, com a finalidade de assegurar seu parentesco com a Psicanálise. O autor enfatiza a terapia familiar como resposta urgente a uma contemporaneidade conturbada, e como um método eficaz para responder aos desafios colocados pelas patologias mais inabordáveis: cronicidade dos pacientes psicóticos, aumento da drogadição e delinquência - verdadeiros flagelos psíquicos e sociais.

Eiguer enfatiza que a intersubjetivação não redundaria no declínio do indivíduo, mas, pelo contrário, visa a dar um sentido reversível ao sofrimento psíquico, menos desfavorável à imagem do sujeito. Visa também fazer a família trabalhar sobre as tendências estereotipadas dos pensamentos e dos mitos pré-determinados e pré-determinantes da doença.

Antes de pensarmos que estas teses se opõem ao cenário proposto pela Psicanálise, encontramos respondida na obra a mesma indagação: trata-se de um mal-entendido. É equivocada a crença de que a Psicanálise se opõe à perspectiva familiar: "do ponto de vista teórico, o corpo conceitual da Psicanálise sempre considerou instâncias intrapsíquicas de origem grupal e familiar, muito embora o nascimento da Psicanálise rompa francamente com a primazia do traumatismo da sedução ou do abandono parental, fato feliz, pois cria o espaço da fantasia." (p. 2)

Mas "nem por isso a Psicologia Familiar fica marginalizada com esta tomada de posição: o espaço psíquico da família será compreendido

como outro espaço, como outra cena, assim como a outra cena inconsciente o é com relação à cena do real traumático. Isto significa que o familiar não coincide com os corpos das pessoas pertencentes ao grupo, mas pode ser encontrado na psique - deste ou daquele membro - se é que ele não mora na psique de todos e de cada um dos membros da família." (p. 3)

A intersubjetividade, o lugar dos antepassados, a transmissão das marcas culturais através das gerações, a idéia de superego cultural, a atividade fantasmática dos pais enquanto baluarte destas marcas e deste superego, representam indícios muito ricos do interesse que Freud concedeu ao familiar.

O valor da abordagem familiar aparece na medida em que podem ser comunicados o sofrimento psíquico individual, os fantasmas, as marcas ancestrais e trigeneracionais, os segredos. E, na intersubjetivação, surge o *respondente*, resposta a um outro, com o sintoma sendo entendido como mensagem endereçada a um outro. Toda a questão reside em encontrar o código no qual ele se inscreve: "Uma das conseqüências desta abordagem é que toda análise se desloca da semântica (relação entre significante e significado) para a pragmática (relação entre emissor da mensagem e a ação sobre o receptor)." (p. 5) O sintoma é devolvido à interação familiar que o criou; é visto como um precipitado de antigas experiências amorosas, que podem se dissolver e se transformar no calor da transferência.

O autor trabalha com a hipótese de que a família é composta de membros que têm, em grupo, modalidades de funcionamento psíquico inconsciente diferente das do funcionamento individual, bem como com o conceito de uma pré-determinação nada biológica, mas constituída das marcações de desejo inconscientes de toda uma ancestralidade.

Por toda esta configuração, a família é um agrupamento onde se secretam mistérios. Secreta o familiar e o enigmático; em contato com os enigmas propostos pelo não-dito familiar, cria seus mitos, seus segredos; quando não indagamos, estes podem se codificar num sintoma. Então os mistérios familiares são definidos dentro da própria família, com tabus e mitos, para que os sentimentos inconscientes a ele ligados permaneçam em segredo, na prisão do inconsciente.

Esses segredos às vezes atravessam gerações, até se tornarem mitos. Por sua categoria impessoal, tais mitos acabam por esconder, e assim impossibilitar, as verdades da constituição individual de cada sujeito daquele grupo familiar. Frequentemente perde-se a origem do mito, mas isso não diminui o poder dele: apenas confirma padrões de ansiedade que passam de geração a geração.

Em outro capítulo, Alberto Eiguer trata das representações transgeracionais. Estas são representações e fantasias sobre antepassados, avós ou outros parentes diretos ou colaterais de gerações anteriores. Fala também dos mitos a eles relacionados. O autor usa o termo *representação* pela proximidade dessa noção com a de *representação* inconsciente: "ao representar a palavra, a coisa, uma cena, a representação do objeto transgeracional é uma reconstrução fantasmática inconsciente de eventos às vezes traumáticos, à qual todos os membros da família aderem. Da mesma forma, o mito familiar é uma fantasia consciente, sob a forma de fábula ou lenda, relacionada com a história familiar (os avós) ou sua pré-história (os antepassados), tendo um caráter alegórico, e suscitando uma crença coletiva tenaz." (p. 117-118)

Tais representações transgeracionais têm um papel estruturador para a família, da mesma forma que são geradores de dificuldades. É aqui, segundo o autor, que encontramos a origem dos conflitos e sintomas, familiares ou individuais. Em termos de análise familiar, as representações se refletem na

transferência, o que permitirá que se inaugure uma inscrição em nova filiação, menos opressora, menos fatalista, possibilitando aos membros da família reformular em outros termos o antigo romance familiar.

Assim, a família é convidada a participar, quando por exemplo surge na palavra de uma criança um segredo, a fim de que compartilhe desse desafio infantil a romper a ordem da repetição, conseguindo passar de uma vinculação narcísica para uma vinculação objetiva. A família é convidada a repensar posições e lugares, a construir e desconstruir uma história. É o desafio a um contexto pulsional-histórico.

Quando fala do mito familiar, Alberto Eiguer articula com propriedade o entendimento psicanalítico-familiar com a origem do sintoma ou do conflito familiar, enquanto "captador da interfantasmática inconsciente criadora de mitos." (p. 162-163)

Ou seja: se o mito surge como reservatório da familiaridade, sentimento exaltador e coesivo, traduz então as potencialidades que reforçam a identidade dos sujeitos. O engano é tão necessário quanto a verdade. Disso depende o desabrochar dos imaginários individuais. Com o passar do tempo, a referência ao analista ficará como a de uma lembrança pontual, nítida. A transferência ficará implicada na capacidade recém-adquirida para efetuar novas ligações - a família viverá para si mesma, com seus novos mitos e sua nova história.

Maria Inês Giora é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.